

PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA A REFLEXÃO DOCENTE SOBRE A CATEGORIA COLETIVIDADE EM NADEZHDA K. KRUPSKAYA

[1] Daniele Terezinha de Lima Baitel

Círculo de Saber: Formação inicial e continuada de professores

Resumo: Aborda o pensamento e a prática pedagógica de Nadezhda Krupskaya, pioneira da educação socialista soviética durante a Revolução Bolchevique de 1917. Realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unicentro (2019-2021). Analisa as contribuições da autora para uma educação comunista fundamentada na coletividade. Trata de pesquisa bibliográfica com análise das obras da autora. Destaca ser filha de um ex-tenente e de uma professora, Krupskaya foi influenciada por ideias socialistas desde a infância. Mostra que atuou como docente em escolas para trabalhadores e, no exílio, criticou as desigualdades educacionais. Evidencia que, como integrante do NarKomPros, defendeu uma educação politécnica, científica e conectada ao trabalho socialmente útil, atreladas a coletividade e à formação do "homem novo". Entre suas iniciativas, destacam-se a criação do movimento infantil comunista e a valorização da autogestão estudantil e do trabalho coletivo. O estudo, de caráter qualitativo e bibliográfico, baseou-se em obras traduzidas do russo, embora existam limitações de acesso a esses materiais. O trabalho busca socializar o legado de Krupskaya, apresentando a coletividade como princípio central, articulada ao trabalho como estratégia educativa, à auto-organização e aos complexos de ensino como elo de formação coletiva, destacando seu papel na superação da educação conteudista e na construção de uma pedagogia revolucionária.

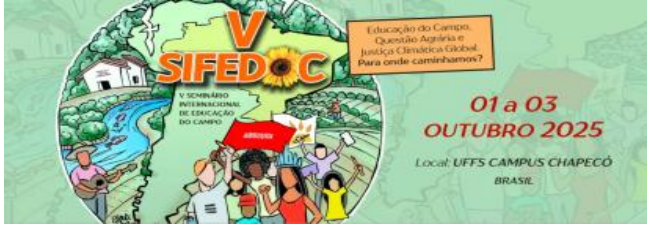
Palavras-chave: Coletividade; Reflexão Docente; Pedagogia socialista.

Introdução

Este trabalho integra uma pesquisa mais ampla, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICENTRO (2019–2021), em nível de mestrado. Tem como eixo central o pensamento e a práxis pedagógica de Nadezhda Konstantinovna Krupskaya (1869–1939), destacando suas contribuições para a construção de uma pedagogia socialista fundamentada na coletividade. A partir da análise de categorias como trabalho, auto-organização e complexos de ensino, no contexto da Revolução Bolchevique de 1917, evidenciam-se práticas educativas que não apenas dialogam com a formação de uma consciência coletiva, mas também instigam a reflexão crítica do docente sobre sua própria atuação pedagógica. Nesse sentido, o estudo nos convida a pensar como tais contribuições podem inspirar práticas educativas comprometidas com a superação do individualismo e com a construção de uma educação voltada à coletividade e à transformação social.

Trata-se de uma análise situada no campo da Pedagogia Socialista Soviética, que tem por finalidade evidenciar o papel da educadora na construção de uma proposta

[1] Mestra em Educação; Universidade Estadual do Centro Oeste. danielebaitel@hotmail.com



educacional vinculada aos interesses da classe trabalhadora, fundamentada nos princípios marxistas.

O problema que orienta esta investigação reside na seguinte questão: quais as principais contribuições de Krupskaya para a construção de uma educação comunista, a partir da categoria coletividade, e como essas contribuições dialogam com os desafios da educação atual? A relevância da autora para a história da educação socialista e sua atuação teórica e prática no Comissariado do Povo para a Educação (NarKomPros) demonstram que sua obra ultrapassa os limites de seu tempo, suscitando reflexões sobre os fins e os meios da educação na sociedade contemporânea.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar e socializar as contribuições de Nadezhda Krupskaya para a formulação de uma educação comunista fundamentada na coletividade.

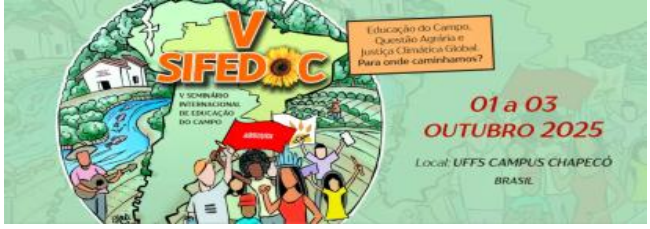
O texto está estruturado trazendo, a metodologia perseguida na pesquisa, três categorias que envolvem a coletividade, as considerações finais e as referências utilizadas.

Metodologia

Metodologicamente, esta investigação adota uma abordagem qualitativa, com ênfase na revisão bibliográfica das obras originais de Nadezhda Krupskaya, majoritariamente traduzidas do russo para o espanhol. O estudo propõe-se a analisar suas concepções educacionais a partir do acervo disponível, reconhecendo as limitações decorrentes da escassez de traduções diretas do russo, especialmente em meios comerciais. Nesse contexto, a pesquisa fundamenta-se em teses, dissertações, artigos científicos publicados em periódicos especializados, além de algumas obras traduzidas indiretamente. Ressalta-se que, entre as publicações acessíveis em português, apenas o livro intitulado A Construção da Pedagogia Socialista apresenta tradução direta do idioma original.

A concepção de coletividade

Para Krupskaya (1986), a coletividade era central na formação educacional, em relação direta com o trabalho socialmente útil e a autogestão. Considerava-a essencial para consolidar um novo modelo educacional pós-Revolução.



Segundo Krupskaya (1986), o trabalho coletivo molda a personalidade das crianças, desenvolvendo seu instinto social, combatendo o individualismo e promovendo o bem-estar geral. O ensino burguês, por outro lado, diferencia a educação entre trabalhadores e burgueses, perpetuando desigualdades.

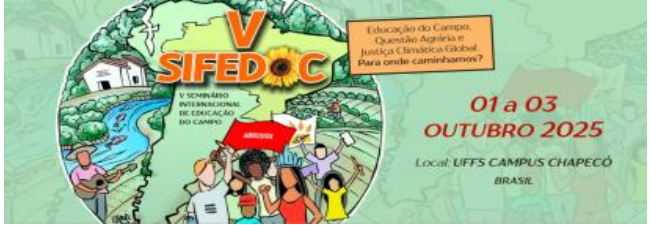
> De los primeros trata de hacer sumisos esclavos, y de los segundos, jefes. Cuando se trata de los hijos de los trabajadores, procura impedir el desarrollo de la personalidad del niño; todos los métodos de educación están enderezados a hacer de los niños seres sin personalidad, pasivos, pero si eso no se logra con algunos muchachos, entonces se les destaca, contraponiéndolos a los demás, con el fin de convertirlos en fieles servidores de la burguesía. En lo que atañe a los hijos de las clases dominantes se aplican otros métodos de educación. La burguesía trata de hacer de ellos individualistas que se contrapongan a la masa, a la colectividad, y sepan dominarla. (Krupskaya, 19?, p. 106).

Como destacado no excerto, na sociedade capitalista, a educação das classes trabalhadoras serve aos interesses da burguesia ao passo que a educação socialista propõe o desenvolvimento integral das crianças, com foco na consciência crítica e na coletividade (Krupskaya, 1986). Contrapondo-se ao individualismo burguês.

Krupskaya defende que a personalidade infantil se forma plenamente na coletividade, sem que esta anule o indivíduo (Krupskaya, 19? p. 107). Para ela, a participação em organizações juvenis estimula emoções coletivas e combate o individualismo reforçado pela escola burguesa e pela religião (Krupskaya, 19? p. 183). Além disso, destaca o papel central das emoções no processo educativo, defendendo que sejam trabalhadas de forma coletiva e cotidiana, integradas à prática escolar e à vivência organizativa (Krupskaya, 19?).

Krupskaya defende que todas as práticas escolares devem fomentar a coletividade, desde os jogos até a leitura. Para a autora, o trabalho coletivo deve envolver ações como apoiar colegas com dificuldades, compartilhar tarefas e alimentos, agrupar alunos com objetivos comuns e equilibrar atividades individuais e coletivas. Destaca, ainda, a importância da disciplina consciente, da escolha de tarefas socialmente úteis e da tomada de decisões coletivas com planejamento e avaliação das capacidades do grupo (Krupskaya, 19? p. 108–109). Ao exemplificar essas práticas, a autora diferencia trabalho coletivo de trabalho colaborativo, enfatizando o papel formativo da coletividade na construção da consciência social.

> Trabajar colectivamente no equivale a trabajar junto en un mismo local, realizando una misma labor. Este es la forma más simple de la colaboración. Se llama trabajo colectivo al que tiene un objetivo común. Pero la consecución de este objetivo permite y frecuentemente exige cierta división del trabajo, a veces muy complicada. (Krupskaya, 19? p. 187).



Como podemos observar, Krupskaya destaca que o trabalho coletivo envolve, além da cooperação, a organização das ações, como observado no trabalho fabril, onde a produção depende da atuação coordenada entre os indivíduos. Para ela, a escola deve incorporar essa lógica organizacional desde cedo, promovendo a vivência coletiva tanto nas práticas pedagógicas quanto nas relações cotidianas. Nesse sentido, as organizações juvenis e os círculos infantis são instrumentos fundamentais para desenvolver hábitos de solidariedade, iniciativa e responsabilidade coletiva (Krupskaya, 1986).

Esses círculos, organizados pelas próprias crianças, estimulam a espontaneidade, a cooperação e a camaradagem, desde que livres de formalismos que limitem o engajamento infantil.

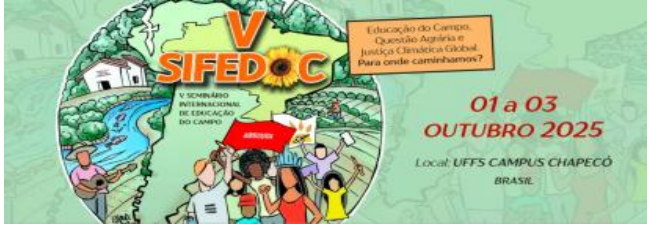
A autora defende que mesmo pequenos grupos com objetivos comuns podem fortalecer vínculos sociais e fomentar habilidades organizacionais. Ao valorizar o trabalho em grupo como "embrião do trabalho coletivo" (Krupskaya, 1986, p. 151), Krupskaya enfatiza sua relevância na formação de sujeitos aptos a viver e atuar coletivamente.

Tais práticas, segundo ela, eram essenciais para consolidar os princípios do socialismo soviético, especialmente em um contexto de coletivização da vida social. Dessa forma, o trabalho coletivo torna-se o elo pedagógico entre infância, socialização e construção do espírito comunista.

Para a reflexão deste texto trago alguns aspectos para análise: a concretização da coletividade no trabalho socialmente útil; A contribuição da coletividade na formação da auto-organização; Relação dos complexos de ensino com a Coletividade e, os Complexos de estudo.

a) A concretização da coletividade no trabalho socialmente útil

Nesta seção, discuto as concepções de Krupskaya sobre o trabalho socialmente útil termo que, em sua obra, também aparece como trabalho socialmente necessário. Opto por manter ambas as expressões, respeitando a terminologia empregada pela autora. Para Krupskaya (1986), a educação voltada ao trabalho vai além da simples inserção dos alunos em atividades produtivas, sejam escolares ou empresariais. Conforme Skatkin (1986), seus fundamentos teóricos se baseiam nas formulações de



Marx e Engels (1845–1846) sobre a formação integral do indivíduo, e nas concepções de Lenin (1920) a respeito do papel formativo do trabalho coletivo.

Nessa perspectiva, o trabalho socialmente útil deveria estar articulado ao projeto de consolidação do socialismo, sendo coordenado pelos sovietes locais. No entanto, essa coordenação não implicava a passividade dos estudantes, mas sim sua participação ativa e consciente no processo coletivo. pelo contrário,

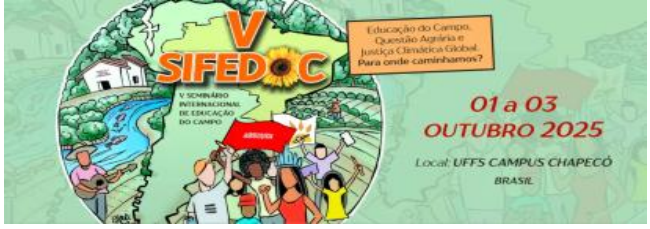
> El trabajo socialmente útil debe ser para los educandos una escuela de colectivismo. Hace falta enseñar el trabajo colectivo a todos los muchachos a lo largo de todos los años de estudio. No cabe buscar una gran cantidad de tareas sociales, pues importan en primer término los hábitos sociales inculcados por la escuela. Los muchachos deben crecer como activistas sociales que sepan resolver en forma colectiva tareas factibles de la edificación socialista. (Skatkin, 1986, p. 19)

Skatkin (1986) reafirma a visão de Krupskaya sobre o trabalho socialmente útil, destacando que seu valor educativo não reside na quantidade de tarefas realizadas, mas na promoção de hábitos de trabalho coletivo orientados pelos interesses e motivações das próprias crianças. Essa abordagem, ao articular desejo e ação, contribui significativamente para a formação da identidade coletiva dos jovens. No contexto histórico da União Soviética, as ideias de Krupskaya fundamentaram práticas educativas em escolas, nos grupos de pioneiros e nas Juventudes Comunistas.

Para Krupskaya (1986), o trabalho socialmente útil deve estar alinhado às necessidades e aos objetivos das crianças, pois é nesse processo dialético que elas desenvolvem hábitos de organização, planejamento, autocrítica e solidariedade. A finalidade é formar sujeitos voltados para o ativismo social, mas isso só se concretiza se os objetivos forem compreendidos e incorporados pelos alunos. Nesse processo, o papel do professor é central: cabe a ele despertar o interesse dos estudantes, estimular sua iniciativa e orientar o engajamento consciente.

> El pertrechamiento con hábitos laborales ayuda a profundizar la organización del trabajo socialmente útil de la escuela, la cual tiene enorme significación en la tarea de inculcar los hábitos del trabajo colectivo y de educar en los niños un enfoque social de su trabajo. (Krupskaya, 1986, p. 75)

Krupskaya reforça a relevância do trabalho socialmente útil como instrumento pedagógico capaz de organizar os estudantes, promover a coletividade e afastá-los do individualismo, inserindo-os ativamente na vida social. Para a autora, essas atividades devem englobar todas as crianças, escolarizadas ou não, e envolver também os adultos, com o objetivo de atribuir sentido educativo ao trabalho coletivo.



Um aspecto central de sua reflexão é a valorização da iniciativa infantil. Krupskaya (1986, p. 153) alerta que a imposição de tarefas pode sufocar o entusiasmo e a motivação das crianças, prejudicando sua adesão ao trabalho social.

A autora destaca ainda que o trabalho deve ser adequado às capacidades e etapas de desenvolvimento infantil, evitando práticas que comprometam o bem-estar físico ou intelectual. O envolvimento coletivo e a ajuda mútua são essenciais, e cabe ao professor estimular a participação de todos, sem supervalorizar os mais ativos, a fim de evitar o reforço de comportamentos egocêntricos. Para Krupskaya (1986), o trabalho socialmente útil deve funcionar como uma verdadeira escola para o desenvolvimento do trabalho coletivo, com etapas bem definidas e propósitos formativos claros.

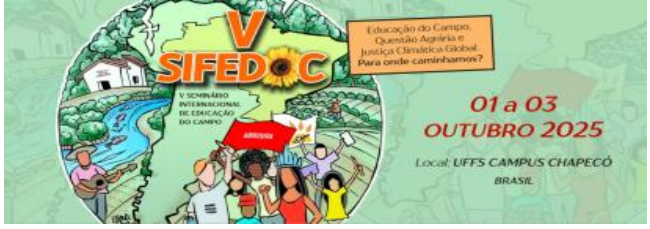
Krupskaya ressalta a importância de ensinar às crianças a avaliar criticamente seu próprio trabalho, promovendo autocrítica, controle e contabilização ao longo da formação escolar. Para ela, a inserção em atividades de utilidade social transforma o trabalho em um espaço de formação coletiva, onde os sujeitos se unem por objetivos comuns, fortalecendo os princípios de solidariedade, reciprocidade e ação conjunta.

A autora argumenta que quanto maior o significado social atribuído a uma tarefa, maior será seu impacto educativo.

A partir de tarefas simples, os alunos desenvolvem habilidades como autodisciplina, auto-organização e capacidade de planejar e avaliar suas ações. Além disso, aprendem a identificar necessidades do meio em que vivem, gerenciar seu tempo e refletir sobre suas responsabilidades, promovendo o amadurecimento dos chamados instintos sociais — dimensão que Krupskaya (1986) associa à formação de sujeitos conscientes e organizados, tema que será debatida a seguir.

b) A contribuição da coletividade na formação da auto-organização

Como já tratado anteriormente, e como é constantemente enfatizado por Krupskaya (19?), ela destaca que as emoções infantis influenciam diretamente o desenvolvimento de interesses, atenção e memória, sendo essenciais à formação de sujeitos ativos e socialmente engajados. Para isso, a vida coletiva deve se apoiar em atividades livres e prazerosas, capazes de cultivar instintos sociais elevados.



Em oposição, a escola burguesa e a religião, segundo a autora, atuam como forças repressoras do instinto social: a primeira promove a segregação por meio da reprovação, enquanto a segunda subordina o indivíduo à culpa ou à dependência divina, afastando-o da vida coletiva e consciente.

> Es natural que el individualismo crezca como una planta frondosa en la sociedad burguesa. Y aunque, a veces, sus portadores sean personalidades extraordinariamente brillantes, en general la separación del individuo respecto a la sociedad conduce a una extraordinaria indigencia de ideas y sentimientos, a la pobreza de impresiones. Un exponente de la separación del individuo respecto a la sociedad es el espíritu mesocrático. (KRUPSKAYA, 19? p. 183-184).

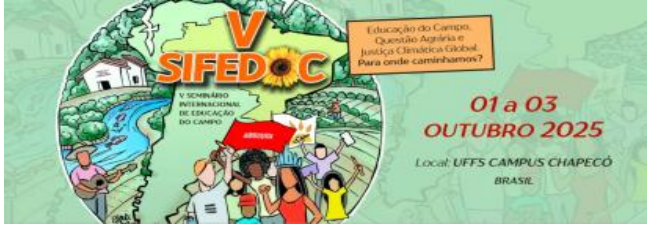
Krupskaya defende que a escola deve estar integrada à vida social, às demandas comunitárias e ao mundo do trabalho, conectando teoria e prática. Ao contrário do modelo burguês — baseado em verbalismo e memorização —, a escola socialista propõe uma educação ativa, com ênfase em atividades coletivas significativas que contribuam para a formação da personalidade e o desenvolvimento dos alunos.

Para a autora, é por meio do trabalho coletivo que se desenvolvem hábitos de organização, autodisciplina e autogestão. A autogestão, nesse contexto, implica planejamento, divisão de tarefas e cooperação, promovendo o engajamento consciente e a reflexão sobre as próprias capacidades (Krupskaya, 2017, p. 115).

A auto-organização, segundo Krupskaya, deve fazer parte da rotina escolar, emergindo do interesse genuíno das crianças e evitando modelos que imitam a política adulta ou burocracias institucionais. Ela alerta, por exemplo, para o risco de assembleias escolares assumirem um caráter punitivo, como “tribunais”, distorcendo o propósito educativo da autogestão.

No contexto da reconstrução socialista, Krupskaya também ressalta a importância de organizar o trabalho de forma racional, evitando desperdícios de tempo e energia. Inspirada nas ideias de Taylor, ela propõe uma gestão eficiente e planejada das tarefas, articulando organização, avaliação e previsão de resultados como elementos essenciais para a formação de sujeitos socialistas conscientes e produtivos (KRUPSKAYA, 19?, p. 222).

> Nós podemos dizer com toda certeza que a nova geração precisará de hábitos de organização em maior medida do que nós. E nós devemos, em relação a isso, apresentar-se para ajudá-la. Claro, a própria vida vai ensinar a organização para a juventude, mas é necessário que também a escola faça tudo o que puder em relação a isso. A questão da organização de toda a vida escolar - organização das tarefas, do trabalho, do descanso das crianças - deve estar agora no centro das atenções do pedagogo. (Krupskaya, 2017, p. 119).



Conforme amplamente discutido, a organização constitui a base essencial da vida, sendo inviável alcançar qualquer objetivo, mesmo os mais simples, sem sua presença. Sob tal perspectiva, a prática da auto-organização assume o papel de fomentar, desde cedo, hábitos organizacionais em crianças.

De acordo com Krupskaya (2017), as crianças já ingressam na escola portadoras de certos hábitos organizacionais adquiridos a partir de experiências prévias em jogos coletivos, uma atividade que se revela de extrema relevância no fortalecimento dessa habilidade. Ademais, a autora salienta a necessidade de considerar os objetivos propostos para crianças de diferentes faixas etárias, levando em conta as particularidades de cada grupo ou etapa de ensino. Tais objetivos evoluem gradualmente em complexidade, partindo de metas mais simples e de curto alcance para aquelas mais elaboradas e de maior prazo.

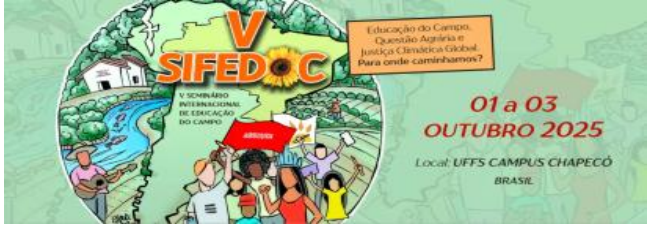
Para Krupskaya (2017), o jogo marca a transição da vida organizada para o trabalho. À medida que os objetivos se tornam mais racionais, os meios e hábitos adquiridos nos jogos evoluem para hábitos de organização no trabalho e na vida.

Ela defende que a escola deve valorizar esse método organizativo das crianças por meio do brincar. A passagem dos jogos para os estudos sérios não pode ser abrupta e requer formas de transição, como ocorre em grupos de escoteiros, onde objetivos são alcançados por meio de jogos. A escola socialista promoveu esse desenvolvimento ao introduzir a escola do trabalho, onde as crianças não apenas memorizavam, mas participavam ativamente do aprendizado.

Krupskaya (2017), enfatiza que a auto-organização deve nascer das necessidades infantis para adquirir um caráter educativo e significativo. Alunos de todas as idades devem participar, com os mais velhos influenciando os mais novos. Quanto ao professor, ele deve acompanhar o processo sem impor sua autoridade ou ocupar um protagonismo que cabe às crianças.

Assim, o professor atua como mediador entre questões organizacionais e as crianças, sendo responsável por mostrar a importância de definir objetivos, usar tempo e energia de forma eficiente, dividir tarefas e avaliar recursos, sem tutelar excessivamente, permitindo que os alunos desenvolvam esses hábitos.

Segundo Krupskaya (2017), esses comportamentos são gradualmente cultivados, levando as crianças a enfrentar coletivamente as adversidades da vida, reconhecer



problemas e se organizar melhor para cumprir tarefas. A educadora russa defende que a organização disciplina voluntariamente as crianças e jovens, educando-os no espírito de solidariedade proletária: “hace que comprendan y amen la divisa: “¡ Proletarios de todos los países, uníos!” y os coloca en las filas de los luchadores “por un mundo fraternal y la sagrada libertad” (KRUPSKAYA, 19? p. 120).

A coletividade na auto-organização vai além da escola e deve ser aplicada à vida, promovendo grupos que impulsionam a emancipação humana e a organização do trabalho.

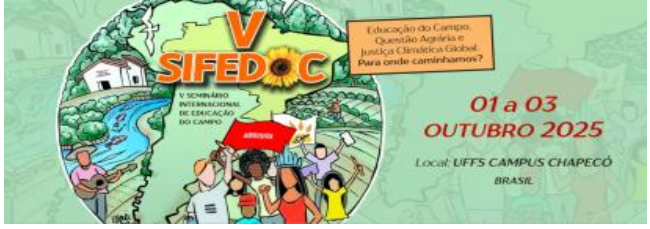
c) Relação dos complexos de ensino com a Coletividade

Embora não haja, nas obras consultadas, princípios específicos de Krupskaya sobre a organização curricular voltada à coletividade, é possível identificar, a partir de seus escritos, orientações metodológicas que articulam a educação à realidade de forma dialética. A proposta pedagógica voltada à classe trabalhadora na URSS visava estimular o convívio coletivo, fortalecer os instintos sociais e valorizar o interesse comum em detrimento do individual. Nesse processo, a escola, os grupos de pioneiros e o Komsomol assumiam papel formativo essencial.

A educação, nesse contexto, era concebida como instrumento essencial para a construção de uma nova estrutura social baseada na coletividade. Para a autora, o método pedagógico dirigido às massas contrastava com o modelo burguês, que promovia o individualismo por meio de um ensino teórico, desconectado da realidade e centrado no verbalismo. Esse tipo de educação, segundo Krupskaya (19?), dificultava o desenvolvimento integral da individualidade. Em oposição, a escola comunista adotava uma pedagogia voltada à vida prática e à coletividade, promovendo uma formação integrada e socialmente comprometida.

> Nos otros procuramos hacer de nuestros hijos personas multifacéticamente desarrolladas, consientes y sanas de cuerpo, que no sean individualistas, sino colectivistas, que no se contrapongan a la colectividad, sino que constituyan su fuerza y acrecienten su importancia. La educación comunista emplea otros métodos. Estimamos que la personalidad del niño sólo puede desarrollarse plena e multifacéticamente en la colectividad. La colectividad no absorbe la personalidad del niño, pero influye en la calidad y el contenido de la educación. (KRUPSKAYA, 19?, p. 107)

A autora sugere que a emancipação humana revolucionária por meio da educação exige o método da coletividade, que amplia a consciência e fortalece a personalidade e a individualidade.



Krupskaya defende que os complexos de ensino devem se articular dialeticamente com a vida, integrando natureza, trabalho e sociedade. Essa abordagem visa proporcionar uma compreensão da realidade enraizada na contemporaneidade e nas relações concretas do cotidiano.

Segundo Zepper (1965), embora Krupskaya não tenha tido oportunidade de desenvolver plenamente suas concepções sobre os complexos, suas ideias influenciaram os currículos do Conselho Científico Estatal, cuja implementação dependia da experimentação prática em nível local. Essa proposta rompe com o isolamento do professor no planejamento didático, promovendo a coletividade e reforçando a ligação entre ensino e vida prática.

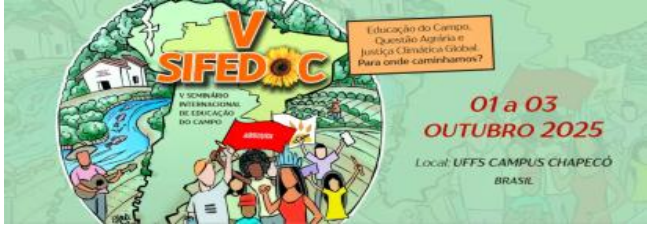
Zepper (1965) relata que, apesar de equívocos entre professores soviéticos sobre o tema, antes e depois das explicações de Krupskaya, um conceito central permaneceu evidente. Para ela,

> O método de complexos é um método científico específico, isto é, um método que exige o estudo das coisas e fenômenos não de forma isolada, mas em suas inter-relações, nas ligações de uns com os outros, na sua totalidade e complexidade. [...] O método de complexos é um método de estudos, não é um método de instrução, não é um método de dar aulas. Nós não colocamos o método de complexos entre as chamadas técnicas didáticas, mas exatamente vemos como um método científico (um método da ciência, método que se usa na ciência com as pesquisas). (KRUPSKAYA, 2017, p. 310).

A proposta pedagógica de Nadezhda Krupskaya compreendia os complexos de ensino como uma forma de integrar fenômenos sociais, natureza e vida cotidiana, promovendo a compreensão do sujeito a partir de uma visão materialista. Essa abordagem possibilitava ao aluno compreender o sentido de suas ações, conectando a totalidade do conhecimento à realidade concreta.

Krupskaya (2017) criticava o sistema escolar tradicional, marcado por disciplinas fragmentadas, verbalismo e métodos rígidos, que afastavam a escola da vida e causavam dispersão entre os alunos. Nesse contexto, o Conselho Científico Estatal (GUS), vinculado ao Comissariado da Educação Pública, reformulou os currículos escolares com o objetivo de promover valores comunistas. Coube aos professores utilizar o ambiente ao redor como recurso pedagógico, ainda que, segundo Zepper (1965), a escassez de docentes qualificados nos anos 1920 tenha dificultado a implementação efetiva dos complexos.

Segundo Krupskaya, o GUS propunha trabalhar diferentes disciplinas simultaneamente, unificadas por uma questão comum e sob múltiplas perspectivas.



Essa abordagem exigia atuação coletiva e alinhamento entre os professores, além do planejamento integrado com profissionais de outras áreas. A autora enfatizava que a educação deveria possibilitar que operários e camponeses compreendessem seu entorno e adquirissem as habilidades necessárias para organizar eficazmente sua vida e seu trabalho (KRUPSKAYA, 2017, p. 316).

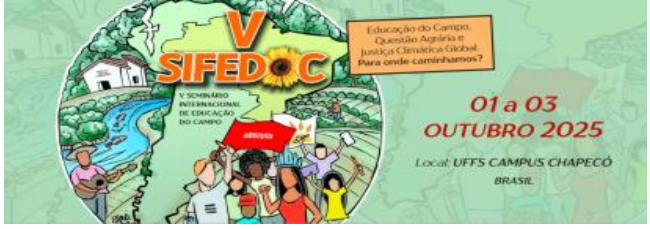
Nesse sentido, os complexos deveriam ser planejados com base na realidade dos estudantes e na relevância social do contexto escolar, contribuindo para o enfrentamento de desafios socioculturais. A metodologia previa uma abordagem ativa e coletiva, respeitando a faixa etária dos alunos, utilizando materiais concretos e assegurando a articulação entre teoria e prática.

Dessa forma, os complexos contribuíam para a superação do isolamento disciplinar e fomentavam a solidariedade de classe e uma compreensão dialética dos fenômenos sociais. Ao promover a coletividade, os complexos fortaleciam a relação entre escola e comunidade. Os temas trabalhados eram selecionados com base na realidade local e nas necessidades específicas dos alunos, estimulando a auto-organização estudantil e a realização de atividades socialmente relevantes. A proposta também se alinhava ao objetivo da escola soviética de integrar o trabalho intelectual ao manual, formando cidadãos imbuídos dos ideais comunistas.

Krupskaya (1986) alertava, contudo, para o risco de mecanização da prática pedagógica caso os exemplos de trabalho coletivo fossem tomados como modelos rígidos. Ela defendia que as atividades deveriam emergir dos interesses e objetivos dos próprios alunos, de modo a fomentar sua autonomia e senso de coletividade. O foco deveria ser o envolvimento ativo dos estudantes no processo educativo — pensar, planejar, definir metas, avaliar capacidades e agir de forma colaborativa.

Conclusão

A partir das reflexões de Krupskaya, para a formulação de uma educação comunista fundamentadas na coletividade, observo que sua trajetória de vida e militância foi fundamental para sua concepção pedagógica. Krupskaya frequentou escolas que limitavam o desenvolvimento intelectual, desencorajavam a crítica ao sistema autocrático e impediam a emancipação humana. Naquele período, a escola era conteudista, verbalista e opressiva para os filhos do proletariado, reforçando a individualidade por meio da competição por notas e das reprovações.



Como vimos, a coletividade não deve ser um termo usado sem entendermos seu real significado, pois vai além de um trabalho colaborativo sem finalidade social. Trabalhar a coletividade de forma isolada, dentro dos limites da escola e sem conexão com a vida ao redor e com a comunidade, é, segundo a educadora, uma forma de hipocrisia. Esse tipo de prática, mecânica e desprovida de sentido mais profundo, não contribui para a formação da personalidade ou da consciência social da criança; serve apenas, de acordo com Baitel (2021), para que o professor cumpra formalmente as exigências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Assim, por meio das categorias elencadas por ela: coletividade, trabalho socialmente útil, complexos de ensino e auto-organização, vimos que a escola e o professor não precisam realizar um grande trabalho social, como a autora apontou e deu exemplos, mas que envolva a comunidade, que grande parte das vezes é excluída do processo educativo, e que os alunos se sintam motivados a trabalhar de forma coletiva e percebam que com a ajuda mútua se pode ir mais longe.

REFERÊNCIAS

BAITEL, D. T. L. (2021) **A pedagogia revolucionária de Nadezhda Kosntantinovna Krupskaya: contribuições da categoria coletividade para a educação** (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava.

KRUPSKAYA. Nadezhda Konstantinovna. **La educação Laboral y la Enseñanza**. Traducido del ruso por Víctor Médnikov. Moscou: Editorial Progreso, 1986.

KRUPSKAYA. Nadezhda Kostantinovna. **Acerca de la educación comunista (artículos e discursos)**. Traducido del ruso por V. Sanches Esteban. Moscou: Editorial Progresso, 19?

KRUPSKAYA, N. K. **A Construção da Pedagogia Socialista**. Tradução de Natalya Pavlova e Luiz Carlos Freitas. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

SKATKIN, M, N. Apresentação. In: KRUPSKAYA. N. **La educação Laboral y la Enseñanza.** Traducido del ruso por Víctor Médnikov. Moscou: Editorial Progreso, 1986, p. 11-22.

ZEPPER. John T. **N. K. Krupskaya on Complex Themes in Soviet Education**. Comparative Education Review, v. 9, n. 1, p. 33-37, 1965. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/1186168. Acesso em: 20 ago. 2021.